



## EM BUSCA DA ALMA AFRICANA

*Paulo Jorge de Moraes Ferreira<sup>1</sup>*

*Universidade Federal do Pará, UFPA, Faculdade de Letras, Altamira, PA, Brasil.*

**Resumo:** “Em busca da alma africana” é fruto da leitura de uma pequena narrativa ficcional, *Ualalapi*, da autoria do escritor moçambicano, Ungulani Ba Ka Khosa, e cuja temática refere-se ao fato histórico dos prenúncios agônicos de decadência do denominado Império de Gaza, ao Sul de Moçambique, em finais do século XIX, na figura de seu último Imperador, Gungunhana. O texto apresenta-nos três cenários premonitórios e oníricos – os sonhos da mulher de Ualalapi, de Maguiguane e de Manua – como anunciadores do caos e final distópico. A leitura de *Ualalapi* representa aquele como que “ponto final” que buscava colocar na tentativa de procurar entender, por via das narrativas míticas, aquilo que denominei, em minha pesquisa, de alma ou a expressão anímica das etnias Machangana e Maronga.

**Palavras-Chave:** Ualalapi; Gungunhana; Império de Gaza; Sul de Moçambique.

## IN SEARCH FOR THE AFRICAN SOUL

**Abstract:** “In search for the African soul” is the result of reading a short fictional narrative, *Ualalapi*, written by the Mozambican writer, Ungulani Ba Ka Khosa, and whose theme refers to the historical fact of the agonizing signs of decay of the Gaza Empire, in the South of Mozambique, at the end of the 19th century, in the figure of its last Emperor, Gungunhana. The text presents us with three premonitory and dreamlike scenarios - the dreams by Ualalapi’s wife, Maguiguane and Manua - as announcers of chaos and a dystopian ending. *Ualalapi* reading represents that as an “end point” that I tried to put in an attempt to try to understand, through mythic narratives, what I called, in my research, the soul or the soulful expression of the *Machangana* and *Maronga* ethnic groups.

**Keywords:** *Ualalapi*; Gungunhana; Gaza Empire; Southern Mozambique.

## BÚSQUEDA DEL ALMA AFRICANA

**Resumen:** “En busca del alma africana” es el resultado de la lectura de un breve relato de ficción, *Ualalapi*, del escritor mozambiqueño Ungulani Ba Ka Khosa, cuyo tema remite al hecho histórico del agónico presagio de la decadencia de la llamada Gaza

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (UFPA). É professor de Teoria Literária na Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir da UFPA. E-mail: [paulojorg58@yahoo.com.br](mailto:paulojorg58@yahoo.com.br) ; ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0545-4266>



Imperio, al sur de Mozambique, a finales del siglo XIX, en la figura de su último Emperador, Gungunhana. El texto nos presenta tres escenarios premonitorios y oníricos -los sueños de la esposa de Ualalapi, Maguiguane y Manua- como heraldos del caos y un final distópico. La lectura de *Ualalapi* representa la especie de “punto final” que busqué poner en un intento de comprender, a través de narraciones míticas, lo que denominé, en mi investigación, el alma o la expresión anímica de las etnias Machangana y Maronga.

**Palabras-clave:** *Ualalapi*; Gungunhana; Imperio de Gaza; Sur de Mozambique.

### A LA RECHERCHE DE L'ÂME AFRICAINE

**Résumé:** “A la recherche de l’âme africaine” est le résultat de la lecture d’un court récit de fiction, *Ualalapi*, de l’écrivain mozambicain, Ungulani Ba Ka Khosa, dont le thème renvoie au fait historique de la préfiguration angoissante du déclin de la soi-disant Gaza Empire, au sud du Mozambique, à la fin du XIXe siècle, dans la figure de son dernier empereur, Gungunhana. Le texte nous présente trois scénarios prémonitoires et oniriques – les rêves de l’épouse d’Ualalapi, Maguiguane et Manua – annonceurs du chaos et d’une fin dystopique. La lecture d’*Ualalapi* représente la sorte de “point final” que j’ai cherché à mettre pour tenter de comprendre, à travers des récits mythiques, ce que j’ai appelé, dans mes recherches, l’âme ou l’expression animique des ethnies Machangana et Maronga.

**Mots-clés:** *Ualalapi*; Gungunhana; Empire de Gaza; sud mozambicain.

### INTRODUÇÃO

Finalmente, termino a leitura de *Ualalapi*.

E posso então entender porque apenas agora consegui ler esse curto *romance-histórico* (ou seria melhor considerá-lo uma *novela*?), quando ele afinal me foi sugerido pelo estimado Prof. Subuhana (docente moçambicano da UNILAB, em Redenção, no interior do Ceará-Brasil), em inícios de 2019. A partir daí procurei, por todos os modos, conseguir um exemplar para leitura, o que, afinal, infelizmente, acabou por resultar numa busca infrutífera.

Guardei a leitura para a minha chegada a Moçambique (2020), onde considerei ser mais viável adquirir a obra. E, realmente, logo após a minha chegada, nos primeiros dias de fevereiro, contemplo, em minhas mãos, um exemplar do romance e descubro, todavia, que aquele ímpeto de leitura havia esfriado, concentrado no momento em organizar meu trabalho de pesquisa, de modo que fui adiando o encontro/confronto com a obra. Dei então tempo ao tempo, como se costuma dizer, ou ardilosamente o tempo foi



como que preparando-me para o momento certo, que viria efetivamente a ocorrer após a minha pesquisa ter sido realizada.

A leitura de *Ualalapi* representa aquele como que *ponto final* que buscava encontrar em minha pesquisa de pós-doutorado, em Moçambique, e cujo escopo consistia precisamente em entender aquilo que viria a denominar de *alma* ou a *expressão anímica* das etnias Machangana e Maronga.

A *Busca pela Alma Africana*, no próprio Continente berço da Humanidade, representa, nada mais do que a busca pelos múltiplos caminhos ou itinerários do Desdobramento Universal daquilo que podemos considerar como a ALMA HUMANA. Quem são os Machanganas? A mesma questão propunha para os Marongas. O que buscava ou pretendia conseguir eram pistas ou simples vislumbres, afinal, através da escuta atenta de narrativas populares, que me permitisse chegar àquilo que considerava ser o âmago do *corpus* da pesquisa, ou seja, uma origem, algumas características próprias (dessas etnias) através de histórias *ditas exemplares* ou até mesmo de estórias de guerra e paz<sup>2</sup>, reveladoras do caráter desses dois povos.

Tal fato, encontrei em *Ualalapi*, ao perceber a importância dos sonhos de três determinantes personagens romanescos: a mulher de *Ualalapi*, do guerreiro Maguiguane e de Manua. Existe algo melhor e mais pertinente do que a compreensão dos sonhos como acesso para o conhecimento da alma humana?

Falar da *alma humana*, sobretudo na versão africana, e sob uma perspectiva freudiana, poderá significar falar da *libido*, essa *energia/energeia* que, para o Africano, segundo Tempels, assume a denominação de *Força vital*. Ou seja, falar disso também significa perpassar os campos da constelação psicológica de *Eros* e *Thanatos*. Vida e Morte ou Destruição. Afinal, referir-se à ótica da Guerra e Paz, que tem sua origem na universal Alma Humana e se projeta externamente no mundo que nos rodeia, como forma de *Conquista/Dominação* ou, ao invés, a forma *Conciliadora/Dialógica*; é o modo expressivo mais comum e vulgar de designar-se aquilo que estamos tentando aferir.

### TRILOGIA: SANGUE, VÔMITO E ESPERMA

---

<sup>2</sup> Sempre que faço referência a estes dois últimos itens da pesquisa – *Guerra e Paz* –, não deixo de lembrar com veemente insistência o grandioso romance de Leon Tolstói. Na guerra se revela o caráter dos homens, dos povos. Assim como na paz.



O *Realismo Maravilhoso*, mas inversamente *trágico*, demonstrado em **Dambóia**, tia do Gungunhana, numa versão africana/nguniana crapulosa<sup>3</sup> e malignamente perversa, semelhante à da *MacBeth* shakespeariana, traduzida pelo SANGUE quase incessante e hiperbólico que sai do seu corpo e se espalha por todo entorno, afetando a ordem regular das coisas e do decorrer da vida, tem o seu contraponto no VÔMITO de Manua, filho de Ngungunhane, naquilo que se apresenta como a mais expressiva viscosidade do tédio.

Junto ao sangue (expressão da vida/morte; enquanto contido e/ou derramado) e ao vômito (como a sinalização de uma angústia parcialmente recalçada ou até mesmo expressa ainda através da vívida realização de um tédio, de uma náusea existencial indisfarçável), podemos trazer um terceiro elemento que é o “borrão de esperma” (resultado manifesto duma libido insaciável), onde tudo o que emerge e vem à luz, tornando-se semiótica e desafiadoramente visível, é manifestado de modo excessivo, desordenado e desregulado.

Cenários premonitórios e oníricos que anunciam angustiosamente o caos e um fim distópico, que cerceia a palavra e enlouquece: “Dambóia não falava, olhava (...) As palavras não saíam. A loucura invadiu-a” (KHOSA, 2008, p. 50); que inquieta e obriga o poder e a ideologia a justificar-se enganosamente e a redobrar a vigilância, a reprimir a livre expressão:

Ngungunhane andava de um lado para o outro, afirmando que no Império tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca acabar e as crianças que nunca nasceram vieram ao mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais anos, e os guerreiros mais batalhas ganhavam (KHOSA, 2008, 51).

Poderá haver maior milagre que esse? Tudo, do ponto de vista da Governança e Ideologia, está sob controle. Afinal, este é o melhor dos mundos possíveis, segundo a norma do digníssimo sábio Laplace. “Os que diziam o contrário eram pendurados nas árvores...” (KHOSA, 2008, p. 51). Pois, afinal, “Todos são felizes...” (KHOSA, 2008, 51). E até o trágico e inevitável da quotidiana existência, era justificado ainda sob a mais escrupulosa e otimista visão: “Diariamente morriam pessoas, mas afirmava-se que morriam por velhice adiantada. Os que se suicidavam eram doentes mentais, indivíduos

---

<sup>3</sup> Para efeitos de sentido e compreensão, a expressão ‘crapulosa’ atribuída a Dambóia pode ser considerada equivalente à shakespeariana de *megeira*.



atacados pelos espíritos malignos” (KHOSA, 2008, p. 51). E os dias iam passando.

Ou ainda, que acusa o mal-estar, a insegurança, a confusão, como em Manua: “Incrédulo ainda ficou parado, contemplando o vômito. As mãos escorreram pela porta. O corpo foi-se dobrando. Os joelhos assentaram no chão. Chorava” (KHOSA, 2008, p. 72).

Entre estes como que cenários grandiloquentes da fragilidade e tragicidade humanas, *Ualalapi* apresenta-nos três decisivos sonhos. Determinantes para o que vai na alma humana. Afinal, o sonho é o compensador das tensões psíquicas, fruto dos conflitos reais, concretos, da vida corrente; e que acabam sendo transferidos para o lado interno do ser humano para serem reelaborados pela ‘lógica’ e linguagem inconsciente, e tornam-se patentes através da expressão onírica.

Para Freud, o sonho nada mais é do que um desejo reprimido e que é elaborado, durante o sono, pelo Inconsciente, parte profunda da mente; o *isso* lacaniano, ao qual não temos acesso direto. Segundo o mesmo Freud, os sonhos não passam de realizações de desejos. O Inconsciente como um grande cenário ou palco de conflitos internos profundos, alguns deles configurados desde o incício da existência do indivíduo ou do período infantil, é, segundo alguns outros autores (Guattari) uma verdadeira fábrica que produz e reelabora compensações que amenizam as fraturas (traumas) provocados pela realidade reprimida e vivida conscientemente pelos sujeitos.

Segundo Guattari, ao contrário de Freud, o inconsciente não é um teatro, mas usina. Não seria então um espaço cênico onde se desdobrariam personagens simbólicos, mas a manifestação de eufóricas máquinas desejantes, procurando um espaço de liberdade, de expressão vital e de desespartilhamento imposto pela milenar civilização.

### O SONHO DA MULHER DE UALALAPI

*“Quem semeia ventos, colhe tempestades”*  
(Adágio popular)

Na indecisa tensão política, pela disputa do poder, que se segue à morte de Muzila, a mulher de Ualalapi revela-lhe, em conversa familiar e enquanto esquentava a água para o banho, que tivera “sonhos esquisitos” (KHOSA, 2008, p. 21). Sonhos esquisitos, provavelmente, terão aqui um sentido premonitório. Havia sonhado realmente com a morte do marido: “Sonhei com a tua morte” (KHOSA, 2008, p. 21). E



descreve-a: “Morreste andando. A tua voz sustinha o teu corpo, sem vida. Eu e o teu filho morremos afogados pelas lágrimas que não paravam de sair dos nossos olhos” (KHOSA, 2008, p. 21). Sofrimento, tristeza, medo e morte.

Mas o sonho acaba por ter indubitavelmente um alcance muito mais vasto. É um daqueles sonhos que pode ser considerado como a expressão de um arquétipo coletivo:

Estou com medo, Ualalapi. Estou com medo. Vejo muito sangue, sangue que vem dos nossos avós que entraram nestas terras matando e os seus filhos e netos mantêm-se nela matando também. Sangue, Ualalapi, sangue! Vivemos do sangue dos inocentes (KHOSA, 2008, p. 21).

Chegado aqui, não posso deixar de considerar o *Livro Vermelho* de Carl-Gustav Jung. Esse livro é fruto de uma experiência dolorosamente vivida pelo Psicólogo antes mesmo de iniciar a sua carreira como escritor, da longa obra que viria posteriormente a desenvolver. Aliás, é mesmo considerado pelo autor como o principal *leitmotiv* para a obra que viria a desenvolver.

Jung renunciou a grande hecatombe<sup>4</sup> que se avizinhava. Num primeiro momento pensou que estaria vivenciando um estado psicótico, perigoso, da emergência incontrolada do inconsciente. Em duas ou três visões viu uma grande quantidade de sangue, de cadáveres e do acúmulo de grande quantidade de ossadas. Quando rebentou a I Guerra Mundial, Jung pode compreender que ele não estaria vivenciando um estado psicótico, mas que havia captado antecipadamente o anúncio do que pairava no Planeta como um inconsciente *arquétipo coletivo*.

O sonho da esposa de Ualalapi é dessa mesma natureza. Arquétipo coletivo. Quer dizer: Invadir território alheio (como o do atual Sul de Moçambique), como fizeram os *ngunis*, mesmo que sob a alegação de fuga a um poder violento, como aquele do *mfecane*, para imporem igualmente como justificativa um domínio pela bruta conquista e violento derramamento de sangue: “sangue que vem dos nossos avós que entraram nestas terras matando e os seus filhos e netos mantêm-se nela matando também” (KHOSA, 2008, p. 21). Isto tem um preço! Não pode ficar impune.

Em *O Cerco* ou *Fragments de um Cerco*, constatamos que nem sob a

---

<sup>4</sup> A Primeira Grande Guerra (1914 a 1918). Compartilhou com um grupo restrito de amigos sua experiência anímica. Foi ao longo de alguns anos anotando todas essas ‘viagens’ ao seu interior profundo e ao encontro e diálogos com a sua alma. Registrando tudo e anotando os símbolos e personagens, que lhe eram mostrados e o que eles lhe revelavam.



alegação do direito à Guerra podemos encontrar uma justificativa cabal para uma expressão inumana e que ultrapassa as regras e os valores incorporados à prática do próprio fenômeno bélico. O guerreiro que se debruça sobre a paliçada, que “espreita, demora-se uns minutos (...)” quando “O guerreiro desce. Tem os olhos fora das órbitas. Treme” (KHOSA, 2008, p. 61). PERDEU A FALA! Ele atingiu um limite da realidade existencial além de todo o humanamente concebível!<sup>5</sup>

Não é que não consiga se expressar, à semelhança do que ocorre com os místicos, após a vivência de uma inefável experiência mística, que transcende a possibilidade do humanamente traduzível ou hipoteticamente expressável. Neste caso, é de ordem inversa.

É de uma outra ordem, do trágico e malignamente horrível. “Este homem perdeu a fala” (KHOSA, 2008, p. 61). Trata-se da esfera daquela experiência a que se refere Walter Benjamin em *O Narrador*: Os homens quando retornaram da guerra perderam toda a capacidade de narrar. A horrível experiência da Guerra foi de tal ordem, que configurou-se como um forte bloqueio que não permitiu qualquer tipo de expressão, pelo que se viu e vivenciou de trágico e horrível.

*O Cerco* não assumiu os moldes características de estratégia de guerra, mas de uma preparação para um morticínio, um genocídio, de tal ordem “que gerações vindouras sentirão o cheiro de sangue quente misturado com o capim (...) pelo simples fato de o milho ter o sabor do sangue humano e a água dos poços conter restos de ossadas humanas” (KHOSA, 2008, 65).

Todos os guerreiros ali presentes, tanto os sitiados quanto os sitiantes, tinham clara consciência:

deste cerco criminoso (...) que contraria os princípios mais elementares de uma guerra de homens, de uma guerra que os nossos antepassados mais remotos cultivaram com a certeza de que os homens olham-se de frente e as lanças chocam-se sob o olhar atento dos guerreiros (KHOSA, 2008, p. 64).

---

<sup>5</sup> O terrível cenário ao qual o guerreiro nguni assiste foi o do maior desvario antropofágico: “Enlouquecidos pela fome os homens devoram as mulheres e as mulheres devoram as crianças” (KHOSA, 2008, p. 61). A situação dos sitiados havia ultrapassado todos os limites humanos minimamente aceites: “... veem-se guerreiros a comer com sofreguidão os escudos de pele que os protegeram em inumeráveis batalhas (...). Crianças de barrigas enormes caçam moscas verdes que esvoaçam sobre os cadáveres. Mulheres com crianças ao colo circulam como sonâmbulas sem destino pelo cercado (...). Vê guerreiros lutando pela posse de bosta fresca da última cabeça de gado abatida para os chefes. Três guerreiros lutam pela posse dos líquidos intestinais. Um pouco distante da cena uma mulher dá a sua urina a uma criança. Os arbustos que outrora povoavam o cercado desapareceram...” (KHOSA, 2008, p. 62).



Tudo isto tem um preço! Inegavelmente. O sangue derramado pelos *ngunis* será cobrado, porque o que você planta, você colhe<sup>6</sup>. A perda da fala e o estarecimento horrendo do guerreiro *nguni*, causado pela visão do provocado como resultado do cerco é assim como que transladado – como costumamos dizer no nordeste brasileiro: “na volta do pau de aroeira” –, para o corrimento sanguíneo e incessante de Dambóia e a respectiva perda da capacidade da fala. A inversão começa, sem dúvida, por essa figura ‘crapulosa’.

O fim dos Machopes, sob as “Chamas. Sangue. Gritos. Choros. Morte. Fuga...” (KHOSA, 2008, p. 65). Enfim, “a planície pejada de cadáveres que servirão de repasto às aves por séculos sem conta” (KHOSA, 2008, p. 65). Isso será uma dívida também a ser cobrada ao Império de Gungunhana. O sonho da mulher de Ualalapi é a abertura premonitória do que advirá, num futuro não muito tardio, para os fortes guerreiros *ngunis*. Também estes “abrirão caminhos” sob fuga, sob copioso choro das suas mulheres e a destruição pelo fogo da sua capital.

Os respectivos sonhos de Maguiguane e de Manua, que iremos ver de seguida e sobre os quais nos debruçaremos com mais atenção, sinalizam para esse futuro evento, também com não menor precisão.

O sonho de Maguiguane parece tornar-se frequentemente repetido. “Sonha a mesma coisa” (KHOSA, 2008, p. 59)! “Vê serpentes a devorarem cobardemente os homens, milhares de homens. As mulheres ficam, chorosas, perdidas na planície” (KHOSA, 2008, p. 59).

Simbolicamente falando, as serpentes do sonho e mais adiante a referência a lanças representam elementos fálicos. Maguiguane é um valente guerreiro e o contexto desse sonho na narrativa de ficção é o de *O Cerco* ou *Fragments de um Cerco*, portanto um episódio de guerra demorada, de paciência e estratégia psicológica mais do que ofensiva bélica direta.

Daí que, quando ao despertar sobressaltado, “Não vê serpentes. Vê fiapos de luz a caírem no chão (...) Levanta-se e acaricia a lança” (KHOSA, 2008, p. 60). Procura respostas para o significado do sonho, na tentativa de interpretação de alguns elementos constituintes do sonho, apelando ao seu conselheiro, Mabuiau, “ Qual é o significado do

---

<sup>6</sup> “Porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas, cap. 6, verso 7).



sonho? ” – escuta como resposta: “O Leão ruga na selva, Maguiguane”<sup>7</sup> (KHOSA, 2008, p. 60). Retorque o guerreiro: “E as mulheres, Mabuiau, as mulheres? ” Aquelas mulheres aos prantos. Chorasas.

Considerando então que há uma relação direta entre as serpentes e a lança como símbolos fálicos. Nesse sentido, sob a tensão expectante criada pela duração do cerco e ainda aquela da pressão imposta pela guerra, o sonho de Maguiguane, fruto da vivência do momento, é também premonitório. Diz respeito ao futuro dos guerreiros e das mulheres *Ngunis*, e, principalmente, ao destino do Império de Gungunhana, o leão que por ora “ruga na selva” (KHOSA, 2008, p. 60).

É a imagem simétrica e invertidamente refletida, portanto, da situação imposta pelos comandantes *ngunis* aos sitiados Machopes, que ocorrerá num futuro mais ou menos próximo. O império confrontar-se-á também com o cerco e a perseguição, a morte e a destruição, sob a angústia e o choro expressivo das mulheres.

O cenário inicial amplia-se agora. Não se trata mais apenas da mulher e do filho de Ualalapi, agonizando (mãe e filho) sob o choro pesado das lágrimas, com a corrida desesperada do companheiro, como que fugindo e abrindo caminho pelo mato, “e gritando como nunca ninguém ouvira...” (KHOSA, 2008, p. 26), após ter cumprido o sanguinário assassinato de Mafemane<sup>8</sup>. Com olhos cerrados e como que cegamente obstinado pelo ódio, Ualalapi “... enterrava com a maior fúria a lança no tronco perfurado (...) vezes sem conta” (KHOSA, 2008, p. 26).

E, se a briga pelo poder vinha já acontecendo<sup>9</sup> entre os próprios *ngunis*, e minando o poder *nguni*, tempo viria, e não demoraria, em que um outro exército provocaria a mesma destruição causada pelos *zulus* aos povos por estes dominados. Era o preço a ser cobrado. “As serpentes a devorarem cobardemente os homens, milhares de homens” (KHOSA, 2008, p. 59) viriam a representar os guerreiros *ngunis* mortos covardemente, aos milhares. E as mulheres, aquele choro das mulheres, por cujo sentido demandava Maguiguane ao conselheiro, nada mais viria a ser que o pranto das próprias mulheres *ngunis*, pela morte de seus companheiros e a destruição do Império.

A partir desse momento o leão deixaria de rugir na floresta e o sonho de Manua,

---

<sup>7</sup> Um epíteto de Gungunhana é precisamente o de *Leão de Gaza*.

<sup>8</sup> Um dos irmãos de Gungunhana, que representava um desafiador rival, às pretensões daquele ao trono, após a morte do rei Muzila, pai de ambos.

<sup>9</sup> Mawewe havia já disputado anteriormente o poder com seu próprio irmão, Muzila.



filho de Gungunhana, é revelador de tal situação. O cerco vai-se fechando em torno do Império, ao aproximar-se e atingir aquele que o representa, Gungunhana, e se apresenta afinal, como a figura mais relevante. Veremos também como essa personagem, Manua, cede-nos uma chave de leitura e interpretativa *sui generis*, como aquela de uma *personagem-encruzilhada* entre dois mundos distintos: o *Ocidental* e o *Africano*, e as implicações que dessa relação advém.

Manua é um paradoxo!

Situado na encruzilhada sem saída do espaço do Desencontro. Um produto híbrido, mesclado do encontro desigual e imposto de Civilizações. Suspenso *Entre Mundos*, de mãos dadas com a ambivalência esquizofrênica da *anima*.

Mas, primeiro, vamos ao seu sonho.

O sonho ocorre numa viagem em paquete de Moçambique (Ilha) rumo a Lourenço Marques. Manua, filho de Gungunhana, é um negro educado nos ‘esmerados’ valores do branco Ocidental. Fora essa uma firme escolha sua, pois, logo na primeira noite [da viagem] “contrariando o hábito secular dos *nguni*, Manua comeu peixe”. E pior: “Achou-o saboroso e vituperou a sua prole” (KHOSA, 2008, p. 71).

O significado disso, num primeiro momento, é claro e inequívoco – uma recusa assumida aos valores tradicionais do *povo nguni*. Aliás, um verdadeiro *nguni* jamais arriscaria entrar sequer em qualquer tipo de embarcação e singlar as líquidas águas, quanto mais sentir-se reconfortado com o “marulhar das águas” (KHOSA, 2008, p. 71).

No decorrer da viagem noturna, e após o negro viajante ter recolhido ao beliche, viremos a tomar conhecimento do indigesto e atribulado sono, que acabaria por redundar num inconsciente, vasto e azedo vômito. Nesse preciso cenário, “Sonhou com lanças e savanas secas e verdejantes. Viu serpentes a enrodilharem-se no corpo bojudo do pai e sorriu” (KHOSA, 2008, p. 72).

Interessante, Manua viu-se por dentro do seu sonho sorrindo face à figura do seu ‘bojudo pai’ enrodilhado por serpentes. É concebível ser próprio a um guerreiro, sonhar com lanças, secas savanas, ou até mesmo extensos campos verdejantes. Mas para um educado jovem, distanciado e arredio aos valores bélicos próprios e essenciais dos *zulus*, conceber-se-á mais infrequente. O principal elemento do sonho, porém, é a figura do pai, Gungunhana, enrodilhado por serpentes. E mediante isso, o sonhador em seu sonho sorri...



O profundo mar, sobre o qual se encontrava sulcando, é, em si, um símbolo do inconsciente. O sonho, a expressão pura da linguagem do inconsciente. O sono a expressão máxima do relaxe corporal em relação ao mundo externo, do consciente. A viagem noturna, noite, o símbolo do recolhimento. Nesse estado indefeso de absoluto entorpecimento MANUA<sup>10</sup> não está desperto para a realidade do meio que o cerca, que é puro vômito: “O vômito com tonalidades vermelhas e amarelas. Eram cabeças de peixe. Era o cheiro. Eram as moscas a zumbir” (KHOSA, 2008, p. 72).

Face a essa quase irrealidade, “Inacreditável, pensou Manua” (KHOSA, 2008, p. 72), com que se deparou ao erguer-se do beliche e da inconsciente entorpecência; Manua descobre-se como um ser que é um tremor só, suado, boca seca e olhos esbugalhados.

O sonho e essa situação em que se encontra do despertar inconsciente e onírico, para a triste e constrangedora realidade do vômito, é reveladora de duas coisas: Primeiro, Manua sorri, no sonho, da figura que lhe é apresentada do pai, sem ter tempo, na verdade, de fazer uma indagação (à semelhança do que fizera Maguigane) sobre o sentido ou significado de tal imagem. Segundo, Manua não está desperto para a realidade do seu próprio ser e nem do mundo que o cerca e de como os outros o veem.

Em relação ao sonho deveria ter compreendido que ele seria um *índice* indicativo do fim trágico a que seria submetido seu pai Gungunhana, ao ser representado enrodilhado por serpentes, e com ele o término do sufocado Império de Gaza.... E nisso não haveria, pelo contrário, motivo algum para sorrir. O sorriso, no contexto onírico, é atitude própria, afinal, daquele que conscientemente “vituperou a sua prole” (KHOSA, 2008, p. 71), voltou as costas, firme e decididamente, aos valores e tradição *nguni*.

Em relação ao momento consciente do despertar, a descoberta do seu ser distraído e desprevenido para a realidade que o cerca (puro vômito) e daquilo que os outros pensam a seu respeito. Começamos a chegar ao real dilema do mundo interior do dividido Manua.

## O DESCONSTRUÍDO MUNDO SEM SAÍDA DE MANUA

---

<sup>10</sup> Curiosamente procurei o significado do nome Manua. Encontrei um registro que refere a vinte duas pessoas com tal nome. Apresenta características positivas, tais como: preocupação com o lar, humildade, conciliação, talento e prestígio. E as correspondentes negativas, que encaixam mais com a figura do nosso personagem: teimosia, timidez, fanatismo, melancolia e espírito de mártir.



Para espantar seus espectros e procurar, quiçá, dar um sentido à meada constitutiva e entrelaçada, nesse novo, dia da sua vida, “Manua abriu a maleta, tirou papéis, uma caneta e tinta. Escreveu” (KHOSA, 2008, p. 73). E é precisamente pela figura do pai que inicia a sua escrita. Do pai que considera “ignorante e feiticeiro” (KHOSA, 2008, p. 73). Quer dizer, o jovem enxerga o próprio pai da ótica Ocidental, do universo branco, de cuja fonte bebeu os valores. Negar o Pai<sup>11</sup> (Lacan) significa indiscutivelmente negar-se a si mesmo, daí a recusar a sua origem e os valores e tradições do seu grupo, o passo é curto.

No segundo momento fala de si próprio, relembrando o seu passado de estudante, e afirma “... que uma vez borrou o quarto de merda durante a noite, deixando a cama limpa. Hoje, escreveu a dado passo, vomitei” (KHOSA, 2008, p. 73). Parece que as duas balizas principais entre as quais decorreu a vida do jovem Manua foi o período, mais ou menos longo, que medeia entre a MERDA e o VÔMITO!

Esse é um modo indireto de se referir pelo avesso aos valores que ele recebeu e reconhecidamente aceites, como fruto de esmera e refinada educação. Mas Manua não tem ainda, infelizmente, condições de efetuar essa inversão ideológica, especular, e fazer uma leitura crítica de si mesmo; provavelmente, quando o reconhecer, será já demasiadamente tarde. Por ora, quando procura então justificar-se, tendo como referência o comandante, escreve: “Se compreendesse alguma coisa talvez entendesse o fato de eu ter sido dos poucos da minha tribo que teve acesso ao mundo dos brancos, à sua língua, aos seus costumes e à sua ciência” (KHOSA, 2008, p. 73).

E, concomitantemente, a respectiva contraparte: “Mas ele não pode entender o mundo negro, os nossos costumes bárbaros, a inveja que norteia a nossa vida e as intrigas que nos matam diariamente” (KHOSA, 2008, p. 73).

E realça a sua convicta escolha:

Quando eu for imperador eliminarei estas práticas adversas ao Senhor, pai dos Céus e da Terra. Serei dos primeiros, nestas terras africanas, a aceitar e assumir os costumes nobres dos brancos, homens que estimou desde o primeiro dia que

---

<sup>11</sup> Freud apresenta-nos, em *Totem e Tabu*, o mito da horda primitiva e da figura central do Pai, cujos filhos reúnem-se para combinar matá-lo e poderem assim ter acesso ao poder e às mulheres. O que efetivamente concretizam. Para os clássicos antigos (Cf. O mito de Édipo) o parricídio (matar o pai) era um dos crimes mais horrendos, assim como desejar e possuir a Mãe. Para os primitivos, esse era o *Tabu* (proibição) – não desejar e nem possuir a Mãe (incesto) –, significando o *Totem* a indicação para o respeitoso e reconhecido culto ao Patriarca, fundador do clã. Até hoje esses são valores essenciais reconhecidos até pela Civilização.



tive acesso ao seu civismo são<sup>12</sup> (KHOSA, 2008, 73).

Nem se apercebe dessa ilusória dicotomia que a sutil e cívica visão branca lhe incutiu na forma do reconhecido dilema: “costumes nobres dos brancos” x “o mundo negro, os nossos costumes bárbaros”. Não tem nítida clareza de sua divisão interna entre *dois-mundos* e nem tampouco do destroçamento anímico que tal situação comporta! Mas haverá de chegar sua hora. Por agora, “A mão tremeu, não conseguiu continuar” (KHOSA, 2008, p. 73).

Em várias e uníssonas vozes, escutava-se pela amurada do navio: “Vocês admitem pretos nestes barcos e o resultado é este...” (KHOSA, 2008, p. 74), e apesar do comandante tentar, de boa vontade, justificar a presença de Manua, como aquele que “é o filho do rei das terras do Sul” (KHOSA, 2008, p. 74), os interlocutores não se intimidavam: “Qual rei, qual merda, os pretos nunca tiveram reis, capitão!” (KHOSA, 2008, 74). Outro acrescentava, em ares de desafio: “O comandante devia atirá-lo ao mar” (KHOSA, 2008, p. 74).

Fechado em seu quarto, acabrunhado em seu espírito, auscultando no decorrer do dia, as conversas dos restantes passageiros, descobre contristado que os *brancos* não o veem com bons olhos por conta da cor de sua pele. “Manua tirou o ouvido da porta e chorou” (KHOSA, 2008, p. 76).

Igualmente, de modo terrivelmente trágico, Manua descobre em sua pele (negra) a cor de sua alma (branca) o preço a pagar. A de um preto que perambulava como um ‘morto-vivo’ (zumbi), quer dizer, um corpo sem substância anímica alguma e que acabaria por não reconhecer os seus e também por eles não ser aceito: “... Manua bebia com muita sofreguidão devido ao feitiço dos seus bisavôs que se irritaram por aqueles modos estrangeiros no andar, no vestir e no falar. O pênis minguava de dia para dia” (KHOSA, 2008, p. 77-78).

Além da ação enfeitiçadora dos bisavôs, era corrente a versão de “... que Manua fora envenenado pelo pai, pois era uma vergonha para os nguni ver um filho seu assimilar costumes de outros povos estrangeiros” (KHOSA, 2008, p. 79). Sem respeito próprio, com a autoimagem manchada, o pior ainda estaria por vir: “Manua parecia um chope, pois era subserviente aos portugueses. Matem-no na próxima oportunidade,

---

<sup>12</sup> Esta é a problemática desenvolvida e apresentada por Frantz Fanon em *Pele Negra, Máscaras Brancas*.



disse Ngungunhana num dos encontros que teve com os maiores do reino”<sup>13</sup> (KHOSA, 2008, p. 79).

No último dia de sua existência, Manua bebia, encharcava-se de *sope*<sup>14</sup>... Como que em *delirium tremens* “Manua viu ratos a entrarem na cubata. Cercaram-no. Subiram pelo corpo, roeram a camisa, as calças, os sapatos, os papéis, o teto” (KHOSA, 2008, p. 81). Devoradores, inclusive da imagem daquele que algum dia ambicionou comandar o Império e transformá-lo. Uma imagem mais do que pessoal, a do Império roído e afinal carcomido pela sua base: “O império gemia. Os portugueses aguardavam” (KHOSA, 2008, p. 80).

“Viu serpentes à porta. Recuou. Fechou os olhos. Sentiu o cabelo a ser devorado. Tentou matá-las. Aumentavam de número” (KHOSA, 2008, p. 81). Répteis, que já vêm de antigos sonhos e acoçam e instigam o desespero e o temor: “Manua berrava. Ninguém o acudia. Está louco, diziam. A coruja piou”, prenúncio da hora final terrível e decisiva, “Manua arfava... Manua morreu” (KHOSA, 2008, p. 81).

## CONCLUSÃO

Os ‘brancos’ podem não ser felizes, mas tendo-os como referência, muito menos o conseguirão sê-lo os ‘negros’. Talvez seja equivocado perspectivar esta questão da Universal Alma Humana pela cor ou tonalidade... E afinal, o que pode se entender por Alma Humana Universal? Trata-se daquele ser que teve seu berço no continente africano, que se configurou num primeiro momento como diferenciado de toda a criação e que daí saiu dispersando-se em uma aventura pelo *orbe*. E não menos questionável falar de Alma Humana Universal, assim como uma referência abstrata, geral, de algo que afinal possa também ser tão especificamente individual, característico, próprio. Mas o indivíduo não vive por si só, e entre o *si-mesmo* (concreto) e o *universal* (abstrato), existe sobretudo o *si-para-o-outro*, que assume a forma relacional e dialógica, da família, do grupo, da comunidade, da etnia, etc.

Bipolarizar o Mundo, numa lógica dualística, cartesiana, por exemplo, como Ocidente e Oriente, já constatamos anteriormente, em época não muito remota, que

---

<sup>13</sup> Os chopes eram arqui-inimigos dos ngunis. A desconsideração e desrespeito em alto grau era recíproca.

<sup>14</sup> Bebida regional de alto teor alcóolico equivalente à aguardente.



comporta sérios riscos e graves perigos, sobretudo se o substrato de tal Fundamento ou Princípio, é colocado sob a ótica de dominação através do poder bélico ou do poderio econômico. Como ainda devemos considerar, não menos problemático, partir de uma visão cêntrica, seja ela *euro* ou qualquer outra, que se esparrame pelo mundo e tenha como princípios gerais, um modelo único (totalitário) comparativamente semelhante ao judaico-cristão-socrático-platônico (ideológico), em termos ideais, ou mesmo prático como o mercantil-liberal-capitalista-financeiro (neoliberal).

Em nosso mundo contemporâneo as relações são profundamente desiguais. E assim, como descender à profundidade do solo, para os neoplatônicos, poderia representar igualmente uma forma de ascensão da [alma] às alturas, tal fato pode ter sido idealmente interessante nos primeiros séculos da nossa era, mas nestas duas décadas do Terceiro Milênio tem realmente uma aparência caótica e catastrófica.

Desde os meandros da escravidão antiga que dir-se-ia persistir e perpetuar-se até aos nossos tempos, sob formas diferentemente refinadas e mais sutis, mas que não deixam de ser menos ou até mais eficazmente escravizadoras; do bruto colonialismo como expressão Imperialista próprio da fase mais avançada do desenvolvimento capitalista – essa imagem que nos dizem e da qual nos procuram convencer ser verdadeiramente a real da ordem, do progresso e da civilização – a Nova Ordem – é descaradamente criadora de uma outra imagem simétrica e contraposta de terrível desigualdade construída como produto de relações iníquas baseadas no lucro e na despersonalização e dessubstancialização da pessoa (*muntu*) humana.

O que sobra ao negro é revelado no exemplo claro da personagem Manua. Um ente que habita *Entre-Mundos*, sem pertencer verdadeiramente a nenhum deles; um desenraizado, no verdadeiro sentido da palavra, submetido a uma desumana despersonalização e dessubstancialização – um verdadeiro *zumbi*, morto-vivo, carne sem vida, sem alma que a anime! É uma verdadeira e terrível morte ainda em vida.

Mas resta uma outra, sob as *peles negras* – e essa não é menos terrível –, a de uma submissão total, mas MASCARADA, dos valores e práticas do ‘branco’ dominador, colonizador, *máscaras brancas*, no forte convencimento de que *agora a ÁFRICA É DOS E PARA OS AFRICANOS*, na triste e escancarada mentira verdadeira, *DE QUE UNS SÃO*, efetivamente, *MAIS NEGROS DO QUE OS OUTROS!*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e Técnica, Arte e Política – ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição.* São Paulo (SP): *Editora Brasiliense*, 1994.

CRUZ, Pe. Daniel da. Em terras de Gaza. Porto: *Gazeta das Aldeias*, 1910.

DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo – Capitalismo e esquizofrenia. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo (SP): *Editora 34*, 2011 (2ª Edição). (Coleção TRANS)

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução Renato da Silveira. Salvador (BA): *EDUFBA*, 2008.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. Obras Completas (vol. 11). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo (SP): *Companhia das Letras*, 2012.

\_\_\_\_\_. A Interpretação dos sonhos e Sobre os sonhos. Tradução José Otávio Aguiar Abreu e Cristiano Monteiro Oiticica. Vol. IV e V – Ed. Standard Brasileira das Obras de Sigmund Freud. Rio de Janeiro (RJ): *Imago*, 1996.

JUNG, C. G. O Livro Vermelho (Liber Novus). Petrópolis (RJ): *Vozes*, 2010.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. Ualalapi. Maputo: Alcance, 2008. RITA-FERREIRA, Antonio. Moçambique Pré-colonial, Maputo: *Fundo de Turismo de Moçambique*, 1975.

SANTOS, Gabriela Aparecida dos. Reino de Gaza: O desafio português na ocupação do sul de Moçambique (1821-1897). Série Teses. São Paulo: *Alameda*, 2010.

SHAKESPEARE, William. Macbeth. Tradução Jean Melville. São Paulo-SP: Martin Claret, 2004.

TEMPELS, Placide. A Filosofia Bantu. Introdução de Filomeno Lopes. Tradução Pe. Casimiro Facco, SAC. Maputo (Moçambique): *Paulinas*, 2019.

TOLSTOI, Leon. Guerra e Paz. Tradução João Gaspar Simões. Porto Alegre-RS: *L&PM Pocket*, 2015 (IV volumes).

*Recebido em: 20/06/2022*

*Aprovado em: 22/07/2022*